

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL DE GUAJARÁ-MIRIM, SEU IDEALIZADOR E FUNDADOR

Cristiane Anita Furlanetto
Solano Löw Lopes
Lilian Moser
Daniel Oliveira de Souza

Resumo: A migração no Brasil sempre existiu desde sua descoberta, um francês chega a meados do Século XX ao país para contribuir trabalhando na preservação da história da região norte e juntando a vontade da sociedade guajaramirense e de importantes autoridades estaduais funda o Museu Histórico Municipal.

Palavras-chave: museu, acervo, fundador.

Esta pesquisa de campo de cunho descritivo foi elaborada com entrevistas aos atores deste documento, dentre eles o fundador do Museu Histórico Municipal de Guajará-Mirim e autoridades que participaram direta e indiretamente da construção histórica.

Os bastidores e a saga do idealizador do museu Cláudio Giuseppe Furlanetto, nascido em Saussignac na Comuna de Dordogne na França em 17 de fevereiro de 1933, um filho de camponês, que resolve sair de sua terra natal com apenas 20 anos de idade para se empenhar em novos desafios. Isso acontece depois de ler um livro que retratava o Brasil e falava de suas exuberâncias em uma livraria de “*Bordeaux*”, então, ele entra em contato com a Presidência da República, na época era o Governo de Getúlio Vargas que, depois de um considerável tempo, de muitos documentos e viagens de idas à embaixada do Brasil, por fim, sua vinda é autorizada.

Quinze dias de viagem cruzando o Oceano Atlântico num navio imenso e como ele mesmo diz: “Descobri que não somos nem mesmo um grão de areia da praia diante de tamanha imensidão de água, nosso navio sumia”. Desembarca em Santos e começa a respirar os ares do clima tropical, bem diferente daquilo que se tinha na Europa, de clima

frio e tenebroso cinza para um clima quente e de um colorido estonteante. Deixando para trás as lembranças de uma infância reprimida devido a guerra contra os alemães, os vigos da juventude destinados aos estudos e trabalho na marcenaria do irmão mais velho e principalmente o carinho, o amor e a atenção de seus pais.

Antes de chegar à região norte do país trabalhou em fábrica de móveis na cidade paulista, deu aulas particulares de Francês para jovens estudantes e usufruiu dos recursos que seu pai havia oferecido, ficou em São Paulo por cerca de um ano. Depois passou mais um ano sendo administrador em fazendas no Estado do Mato Grosso, antes da divisão com Mato Grosso do Sul, onde pode mostrar com sua arte de marceneiro, construiu muitas peças em madeira como: carro-de-boi, portas, janelas, mesas etc. Após esse período nas fazendas de Mato Grosso resolveu voltar para a cidade foi aí que descobriu Guajará-Mirim em meados da década de 50 do século passado. Sabia que havia uma missão de padres franceses naquela cidade e então teria um referencial para se estabelecer. Num dos trabalhos com os padres cuidou de menino em situação de risco (delinquentes) na localidade de Surpresa onde pode observar e sentir de perto a natureza, a fauna e a flora riquíssima em todos os momentos do dia, até mesmo debaixo de chuva a sua beleza não perdia a cor e todo seu esplendor. Seus trabalhos na área da marcenaria foram realizados também na Cúria de Guajará Mirim. No início da década de 60, assim que ficou sabendo que Campo Grande, no Mato Grosso, necessitava de professor para lecionar Francês, que era matéria obrigatória no currículo escolar, não teve dúvidas voltou ao ofício de mestre. Aproximadamente 3 anos depois retorna a Guajará-Mirim para se dedicar a captura de borboletas explorando o riquíssimo recurso natural existente e como modo de sobrevivência, mas teve que abandonar os trabalhos devido a proibição da atividade no Brasil. Então, passa a explorar outra fonte extremamente abundante na região que eram os jacarés, fazia lindos trabalhos de dissecação e empalhamento, e novamente com a proibição da caça ao bicho passou a negociar materiais indígenas que obtinha em troca de mercadorias que levava

durante suas viagens pelo Vale do Guaporé, e que também começou a ter regulamentos sobre essa prática e volta a paralisar seu trabalho. Realizou viagens de trem por muitas vezes para resolver problemas particulares, mas também para resolver problemas da comunidade como a aquisição de material para a Fundação da Escola Paulo Saldanha em Guajará-Mirim, trabalhou voluntariamente onde houve a promessa de um ressarcimento pela prestação de serviços, mas nunca aconteceu. Destinava parte do seu tempo para produzir pequenas peças em acrílico como forma de manter-se e realizava outros trabalhos esporádicos que surgiam. O Sr. Claudio foi convidado pelo Governo Boliviano para lecionar o Francês na cidade de “*Guayaramerin*” também disciplina obrigatória da grade curricular, por lá ficou pouco tempo cerca de 2 anos, tinha que atravessar o rio quatro vezes por dia, isso não o agradava:

Minha vida é como de qualquer ser humano, cheio de vontade de viver e sobre tudo de fazer algo em benefício do próximo; por onde passei tentei ajudar, fazendo o bem, e tentando melhorar da minha maneira aqueles que me rodeavam; aprendi desde cedo em minha terra natal, França, a não ser egoísta e sempre ser humilde com meus semelhantes; apesar de ter passado por dificuldades, tempos realmente difícil, nunca perdi a esperança de viver, sempre tentando entender as pessoas como elas são. Assim consegui me destacar em meu trabalho e por onde passei, fazendo amizades e ‘me fazendo querer’; a vida é assim em qualquer lugar do planeta. Uns não conseguem nada porque se acomodam não se interessam por nada e acabam na pobreza; outros ainda pensam que o país é rico e tem a obrigação de sustentá-los e acabam aumentando a miséria no país. Aquele que trabalha tem o poder de ser o verdadeiro cidadão deste país. Sou feliz por ter vivido e deixado ao povo, sobre tudo meus amigos, uma lembrança de minha luta e empenho realizado acima de tudo com muito amor (Claudio Giuseppe Furlanetto, depoimento dado em 2005 para esse trabalho de conclusão de curso à Acadêmica Cristiane A. F.Erpen)

O termo museu, para a etimologia – “*moiseion*” do grego numa definição mais antiga era usado como “templo das musas, lugar onde moram as musas; local onde as pessoas exercitam na poesia e na música, lugar consagrado às musas, aos estudos, biblioteca, academia”, outra definição é feita por Diógenes Laércio (Séc. III d.C.) “escola para o ensino da filosofia e biblioteca”. Na Idade Média não havia museus e as obras eram reunidas em castelos e catedrais numa demonstração de

prestígio para a elite feudal. Com o surgimento do museu moderno (Sec XVII e XVIII) muitas coleções foram doadas por particulares dentre elas a de John Tradescant, feita por Elias Ashmole, à Universidade de Oxford, foi o primeiro museu criado (ASHMOLE MUSEU-1683). Em 1793 na França, surge o primeiro museu público criado pelo Governo Revolucionário (Robespierre) “*Muséedu Louvre*” com coleções acessíveis a todos com a finalidade recreativa e cultural. No Brasil, os museus começam a surgir a partir de 1862 e o maior destaque nesta área é o Museu de Arte de São Paulo (MASP) fundado em 1947.

Dados sobre interessantes sobre o Território Federal do Guaporé, criado em 13 de setembro de 1943, posteriormente chamado Estado de Rondônia que homenageia o desbravador dos sertões Marechal Cândido Mariano Rondon (denominação dada a partir de 1956). Até 2005, Rondônia contava com apenas três museus: o de Ji-Paraná que homenageia o Marechal Rondon, o de Porto Velho que relembra toda a saga da construção da “Ferrovia do Diabo” a Estrada de Ferro Madeira Mamoré e o Museu Histórico Municipal de Guajará-Mirim que expõe relíquias da fauna local e os objetivos que contam a sua trajetória emancipada de materiais únicos no estado.

A história da construção do museu começa com o convite do prefeito, do secretário de cultura e de outras autoridades do município para que o Sr. Cláudio fosse coordenar os trabalhos de instalação, de estruturação, fundação e formação do Museu Histórico de Guajará-Mirim. As autoridades apresentaram a ele as indicações recebidas de pessoas importantes da capital (Dr. Ari Tupinambá Pena Pinheiro), sendo o mais capacitado para realizar tal tarefa.

O então Prefeito de Guajará-Mirim Bader Massud Jorge, em 1979, coloca que o projeto estava somente na vontade de se fazer o museu e contava com pouquíssimo ou nenhum material e que, portanto, Sr. Cláudio teria que começar praticamente do zero. De imediato o Sr. Cláudio aceitou a proposta, mas fez ressalvas de que o tempo para se fazer o projeto para apreciação do público seria demorado: o prédio deveria ser todo reformado e preparado para expor o acervo, assegurar

que a parte administrativa tivesse seu espaço definido, deveria também preparar um local específico para armazenar e recuperar peças – se tratava da antiga estação ferroviária da Estrada de Ferro Madeira Mamoré; outra etapa e, considerada a mais difícil, seria a captura das peças para compor o acervo – seriam necessárias inúmeras viagens pelo Vale do Guaporé, verdadeiras expedições, para arrebanhar todo material possível, também haveria de ter tempo para preparar as peças, ordenar suas apresentações em balcões, vitrines, paredes, etc.

“Convidei na época a Sr^a Aneli Badra para me assessorar nesta parte da urbanização, onde logo se concretizou o início da instalação do museu. Mas nossa grande dificuldade foi de quem poderia de fato instalar, administrar e abastecer o museu, identificar cada peça que possui para passar conhecimento a geração da época e futuras gerações sobre nossa história. E o nome que surgiu o de Claudio Furlanetto, uma escolha certa, ele tomou iniciativa de pesquisar e colher cada peça que constitui o acervo, como também elementos que constitui nossa flora principalmente. O que retardou a instalação do museu foi achar a pessoa certa para o corpo efetivo, uma idéia e o concreto, visto que Rondônia não possuía alguém capacitado para tamanha missão. O nome foi muito importante e exemplo de tudo isto foi que a diretora estadual da cultura (Yêda) fez de tudo para levar Claudio para Porto Velho, mas não conseguiu, pois não deixamos, graças a isso, temos esse grandioso bem instalado até hoje.” (BaderMassud Jorge, entrevista, 2005)

Na primeira expedição Sr. Cláudio contou com três ajudantes que a prefeitura disponibilizou, foram três meses de muito trabalho: animais empalhados, peças indígenas soterradas e resgatadas dos lugares mais inesperados que se possam imaginar, trabalhos artesanais dos índios com os quais Sr. Cláudio havia feito amizade ao longo de suas viagens pelo Vale do Guaporé nas capturas de borboletas e jacarés, enfim, uma embarcação repleta de objetos que fariam parte do acervo do museu.

No dia 22 de outubro de 1980, com a presença do Excelentíssimo Governador do Território Federal de Rondônia, o Coronel Jorge Teixeira de Oliveira que teceu elogios à organização, ao capricho e ao material coletado pelo Sr. Cláudio, conferindo ao governador que foram necessários meses de preparação das peças e dos arranjos conforme tamanho e formato que desse destaque aos detalhes de cada uma e adisposição de cada elemento de acordo com características que o

objeto necessitava para a exposição, assim foi inaugurada a primeira sala do museu, os demais ambientes ainda ficaram por ser estruturado – laboratório de reparo das peças, a sala administrativa, o depósito das peças aguardando recuperação e a sala de palestras, vídeos e etc.

“Ao falar sobre o francês – mais brasileiro do que francês Claudio Giuseppe Furlanetto, o contorno que fica mais nítido da sua imagem é a total dedicação ao seu trabalho – a montagem do acervo histórico do museu municipal de Guajará-Mirim. Quantas guerrilhas administrativas, quanta excursão a secretários solenes enfrentou. Vencendo algumas vezes resistências impermeáveis a qualquer argumentação, quanto respeito a tato para erguer os andaimes visando dar sustentação financeira ao seu projeto. Seu trabalho nunca buscou compensações pessoais pela vantagem de um cargo. Seu projeto e seu tempo transcendem os vícios burocráticos. A memória e a cultura não lhes são valores teóricos; trabalhamos juntos na década de 80 do Século XX, e conhecemos seu trabalho, consegui com o secretário estadual de planejamento, José Renato Uchôa, (desempenhava a época a função de diretora de cultura da recém criada secretaria estadual de cultura esporte e turismo – SECET), um DAS, pequena gratificação – sua primeira e talvez única, em toda a sua vida profissional. Lembro da sua emoção e alegria em receber a notícia, seus olhos brilhando e seu largo sorriso; com o advento **Nova República**, em 1985, lamentavelmente foi retirado seu DAS e dado a um certo personagem despreparado para desempenhar qualquer função na área cultural, entretanto, tinha o “privilégio” de ter sido indicado por político. Claudio Furlanetto, apesar de magoado e, ao contrário de muitos “quem indica”, é com uma capacidade rara no funcionalismo público sem gratificação ou outras mordomias, prosseguiu com determinação e competência, dando-se por inteiro a grande obra de sua vida: reunir, identificar, catalogar e preservar o acervo do museu, obra infelizmente inacabada pela insensibilidade e mesquinha das pessoas que poderiam ajudá-lo e não o fizeram. Guardo a melhor recordação do tempo em que juntos trabalhamos em prol da cultura rondoniense. Amigo leal que se desvelou em ajudar-me, em 1984, a ampliar o acervo do museu estadual de Rondônia (lamentavelmente, hoje, desativado e semi-destruído) pelos ‘burocratas’ de plantão que empobrecem nossa sofrida Rondônia. Sempre o entendi e compreendi que nele, Claudio Furlanetto, o idealista mistura-se ao homem de ação e ao equacionador cultural, são as mesmas pessoas.” (Yêda Pinheiro Borzacov, do Instituto Histórico e Geográfico e da Academia de Letras de Rondônia – entrevista, 2005 – à Cristiane A. F. Erpen)

As palavras de Dona Yêda transcenderam a teoria e se fizeram prática no apoio a Sr. Claudio nas reivindicações feitas às autoridades, tanto em Guajará-Mirim como em Porto Velho.

“A Diocese de Guajará-Mirim sempre valorizou a cultura e as artes de nossa região. Frei Luis dos Reis Pacheco iniciou um esboço de museu. Mas o museu idealizado pelo amigo Sr. Claudio Furlanetto é realmente digno de elogio pelo bom gosto e amor a cultura indígena que irradia. Parabéns ao esforço do diretor que pode contar com toda colaboração. Parabéns as autoridades que o apóiam nossa bela obra que honra Guajará-Mirim.” (+Geraldo Verdier – Bispo diocesano, 06/01/1981– extraído do livro de relatórios do museu)

“Não se pode falar em Museu Histórico Municipal de Guajará-Mirim, sem falar em Claudio Giuseppe Furlanetto [...] a história do museu confunde a dele [...]” (Engenheiro Isaac Bennesby – Ex-Prefeito de Guajará-Mirim, entrevista – 2005 à Cristiane A. F. Erpen)

As autoridades guajaramirense em geral respeitaram o profissionalismo de Sr. Claudio e muitos momentos foram incisivas no apoio as suas ações, nas expedições de pesquisa em busca de materiais necessários ao acervo e nas atividades internas do museu. Quanta vez o Sr. Claudio, com recurso próprio, comprou material para fazer parte das vitrines do museu (pedras semipreciosas, conchas, estrela do mar, souvenir,etc).

“Seu trabalho nunca buscou compensações pessoais pela vantagem de um cargo, seu projeto e seu tempo transcenderam os vícios burocráticos. A memória e a cultura não lhe são valores teóricos.” (Historiadora Yêda Pinheiro Borzacov, entrevista realizada em 2005 à Cristiane A. F. Erpen)

Com pouca disponibilidade de recursos financeiros públicos o Sr. Claudio teve que arcar do próprio bolso, necessidades imediatas que o museu requeria (materiais: expediente, material, administrativo, e outros).

Nas outras expedições havia objetivo mais detalhado numa seria a captura de um jacaré-açu de pelo menos 5m de comprimento e novamente Sr. Cláudio Furlanetto volta ao Vale do Guaporé na missão tão difícil quanto a primeira e que desta vez não foi bem sucedido. Nas demais expedições foram mais próximas a Guajará-Mirim (lata, Vila Murtinho,...) onde se encontrava peças da antiga e desativada “Ferrovia do Diabo” a Estrada de Ferro Madeira Mamoré (dormentes, vergalhões, último marco 366 indicativo da quilometragem percorrida pelo trem,...)

com enorme dificuldade e com pouquíssimo recurso material, humano e financeiro conseguiu resgatar algumas delas para expor no museu.

O Dr. Sérgio William D. Teixeira, na época Juiz da 1ª Comarca de Guajará-Mirim, preocupado com a situação que o museu se encontrava, cria a Associação Amigos do Museu, afim de que pudesse captar recursos para a manutenção dos serviços essenciais do museu. A Universidade Federal de Rondônia (UNIR) adere a associação na parceria para contribuir com a manutenção do museu, com a catalogação de novas aquisições, registros de peças e objetos e outras demandas que surgiam. Nas palavras do Prof. Fábio Robson Casara Cavalcanti do Departamento do Curso de Ciências da Administração encontra se a real situação do museu e sua importância:

“O Museu Histórico Municipal de Guajará-Mirim, como todo museu, tem seu papel social e educacional muito importante, uma vez que oferece ao público uma visão bem clara de nossa cultura, nosso patrimônio histórico. Infelizmente no Estado de Rondônia tem poucos museus, isso realmente é uma pena, pois neles estão guardadas as ciências culturais de nossa cultura regional[...]” (entrevista, 2005)

As parcerias que Sr. Claudio consegue estabelecer com segmentos da sociedade foram extremamente benéficas para que o acervo e a visitação pudesse ser mantida.

As estatísticas de visitação ao museu, contida no quadro a seguir, foram extraídas do livro de registro que vai desde 1981 a 1999, depois deste período o museu foi submetido a reformas, recuperações e adequações do seu espaço físico e ambientes internos e externos que não foi possível elaborar o controle de visitação.

Figura 1 - Quadro de registro de visitas feitas ao museu

| ANO | TOTAL DE VISITAÇÃO | ANO | TOTAL DE VISITAÇÃO |
|------------|---------------------------|------------|---------------------------|
| 1981 | 19.285 | 1991 | 27.156 |
| 1982 | 14.627 | 1992 | 21.420 |
| 1983 | 11.243 | 1993 | 21.594 |
| 1984 | 19.667 | 1994 | 18.496 |
| 1985 | 23.507 | 1995 | 22.862 |
| 1986 | 19.205 | 1996 | 23.419 |
| 1987 | 24.116 | 1997 | 18.463 |
| 1988 | 23.582 | 1998 | 20.224 |

| | | | |
|------|--------|------------|---------------|
| 1989 | 35.041 | 1999 | 14.928 |
| 1990 | 31.451 | M/A | 21.594 |

Em destaque: **M/A (média/ano)** média de público nos 19 anos de registro de visitação ao museu.

No ano de 2001, a Revista do 6^o Batalhão de Infantaria de Selva de Guajará-Mirim publica algumas reportagens a respeito das belezas regionais e culturais da cidade e coloca, com destaque especial, o artigo que trata sobre a importância do Museu Histórico Municipal de Guajará-Mirim e a competência do Sr. Cláudio Furlanetto à frente dos serviços:

“[...] suas peças tem sido motivo de elogios pelo trabalho de conserva o e apresenta o. Fruto de um trabalho árduo e metucioso do seu diretor e fundador, o Sr. Cláudio Giuseppe Furlanetto, o Museu Municipal de Guajará-Mirim, além de ser uma das mais interessantes atra o es turísticas da região, tornou-se um acervo cultural valioso da nossa querida ‘Pérola do Mamoré’.” (Revista do 6^o Batalhão de Infantaria de Selva – ano III n^o 3 Dezembro de 2001)

O trabalho realizado por diversas pessoas que participaram direta e indiretamente no desenvolvimento e fortalecimento da cultura, dos registros e da memória histórica deste estado deve ser olhado e reverenciado com o devido respeito, merecimento pelo esforço incalculável e a extrema coragem de enfrentamento das diversas situa o es de perigo e exposi o às adversidades, tanto natural quanto de outra ordem qualquer.

O Museu Histórico de Guajará-Mirim possui um acervo fantástico e que permite ao seu visitante conhecer os encantos da fauna regional, a cultura artesanal e toda a sua história registrada através de peças arqueológicas. O tamanho do significado do trabalho do Sr. Claudio Furlanetto é tanto, que levou o museu a ser conhecido internacionalmente (França e Inglaterra) virando artigo de revistas e sítios que circularam o mundo.

No estudo literário de Marc Bloch (2001) “o estudo do homem individual, é chamado filosofia e o estudo do homem social, será história” e Sr. Cláudio constrói um legado de cultura e conhecimento para gera o es.

Reconhecer o trabalho deste brasileiro-francês-brasileiro, ou seja, mais brasileiro do que francês, segundo Dona Yêda Borzacov, passa a ser uma obrigação de todo cidadão guajaramirense, rondoniense e brasileiro. Sr. Claudio recebeu honrarias dos diversos segmentos da sociedade de Guajará-Mirim ao longo desse tempo e, recentemente, a mais alta homenagem do Estado de Rondônia que é a Medalha de Honra ao Mérito de Marechal Rondon.

O museu fez e faz parte do processo educacional em todas as esferas de ensino, pois recebia visitas constantes das escolas de Guajará-Mirim, da Universidade Federal de Rondônia e de colégios da cidade de “*Guayaramerin*” da Bolívia. A média de estudantes que recebeu nos 19 anos de funcionamento foi cerca de 30% do total de visitantes desde 1981.

“Senti-me, enquanto filha, na obrigação de tornar público todo trabalho de valor histórico riquíssimo, principalmente por ser meu pai, depois por ser um pesquisador nato, que lançando mão de seus conhecimentos os utilizou em benefício do coletivo.” (A autora)

O museu, depois da reforma de seu prédio ter sido concluída e até inaugurada, ainda continua fechado para visita devido as recuperações de peças, organização e disposição dos objetos no interior dos ambientes, adequações de espaços físicos, disponibilização de materiais por parte da prefeitura de: humano, expediente, limpeza, além de instalação de bebedouro e regularização da infra-estrutura básica (ar condicionado, mesas, cadeiras, aparelhamento para exibição de vídeos, etc) para que o museu volte a abrir suas porta à população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORZACOV, Yêda Pinheiro. **Estrada de Ferro Madeira Mamoré: História em fotografia**. Porto Velho: Grafel Gráfica, 2004.

BORZACOV, Yêda Pinheiro. **Rondônia Cabocla**. Porto Velho: Academia de Letras de Rondônia Instituto Histórico e Geográfico de Rondônia IHG/RO, 2002.

BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Os métodos da História**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

GUIA DOS MUSEUS. **História**. Disponível em: <<http://www.cesarcordaro.tripod.com/história.htm>>. Acesso em 03/12/2004.

KONDER, Leandro. **Marx: vida e obra**. São Paulo: Cromosete, 1998.

MATOS, Clarence José e Nunes. **Novo manual nova cultura “História do Brasil”**. Editora Nova Cultura, São Paulo, 2000.

NOVAES, Adalton. **Tempo e História**. Companhia das letras, São Paulo, 1992.

OLIVEIRA, Ovídio Amélio de. **História: desenvolvimento e colonização do Estado de Rondônia**. Dinâmica Editora e Distribuidora Ltda., 2001.

PINTO, Emanuel Pontes. **Rondônia, evolução histórica: criação do Território Federal de Guaporé; fatos de integração nacional**. Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 1993.

SANTOS, Regina Bega. **Migração no Brasil**. Rio de Janeiro: Scipione, 2002.

SELVA, publicação exclusiva do 6º Batalhão de Infantaria de Selva. **Museu de Guajará-Mirim**. Guajará-Mirim: Revista do 6º Batalhão de Infantaria de Selva, 2001.

TEIXEIRA, Marco Antonio Domingues e FONSECA, Dante Ribeiro da. **História Regional (Rondônia)**. Porto Velho: Rondoniana, 2001.

VICENTINO, Cláudio. **História Geral**. Rio de Janeiro: Scipione, 2001.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo et al. **A pesquisa em História**. São Paulo, Ática, 1998.